

# Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 27.4.2019 / Ano 155.º / N.º 54 793 / 3 euros / Diretor: Ferreira Fernandes

REPORTAGEM - FAMÍLIAS DE ACOLHIMENTO

## Os Ramos cuidam de Maria enquanto espera por uma família dela

- P. 20



### Internet

Como o Facebook não fez nada para travar mensagens antissemitas

- P. 36

### Espanha

Favoritismo dos socialistas não impede que direita possa governar

- P. 4

### Alojamento local

Como muitos descobriram não haver uma galinha dos ovos de ouro

- P. 24

### Sefardita

A judia britânica que quer ser portuguesa por causa do Brexit

- P. 40

PUBLICIDADE



**O aliado**  
ideal no  
nosso  
dia-a-dia

veja no interior



Parceria comente Huelva Fernandes Diário de Notícias

## 4000 estudantes chineses aprendem português em 40 universidades

Marcelo Rebelo de Sousa iniciou visita à China com ida à Muralha e, se os negócios são parte essencial da relação bilateral, a atração pela língua portuguesa vem por acréscimo.

Entrevista ao presidente do Instituto Camões

Reportagem de Anselmo Crespo em Pequim

Todos os negócios da visita de Marcelo à China no DV

# faceb



## “Facebook espalhou informação antissemita que dizia combater”

A acusação é da jornalista americana Brooke Binkowsky, que foi, até ao ano passado, a responsável editorial da equipa de *fact-checking* americana Snopes, contratada pelo Facebook para verificar mentiras intencionais na rede. “Foi muito claro para mim que o Facebook não estava realmente interessado em acabar com a crise de desinformação, apenas está interessado em ficar bem na fotografia.”

PAULO PENA

**N**a página do Snopes, um dos primeiros *sites* americanos de verificação de factos (*fact-checking*), Brooke Binkowski é descrita como “uma jornalista de investigação premiada” com longo currículo: “Escreveu e produziu para a CNN, a CBS, a NPR, o Globe and Mail, AJ+, Christian Science Monitor e vários outros”, prossegue o curto texto antes de acrescentar que Brooke é, além disso, “uma ávida esgrimista e uma entusiasta do acordeão”.

O bom humor desta apresentação é uma relíquia do passado. Brooke saiu do Snopes, do qual foi editora executiva, em julho do ano passado. Uma das razões para a sua saída foi o acordo entre o Snopes e o Facebook para a verificação do conteúdo da rede social. O Snopes fazia parte, com mais de 40 *sites* no mundo, da tentativa, anunciada pelo Facebook, de lidar com a desinformação publicada pelos seus mais de dois mil milhões de utilizadores.

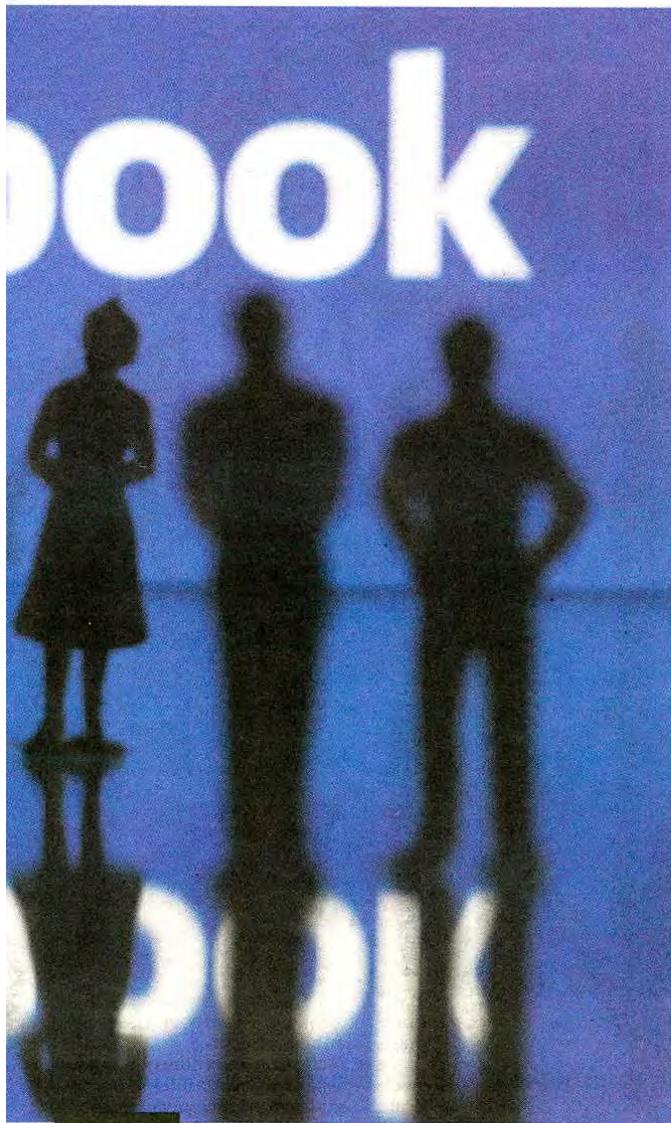
Brooke era a responsável editorial pela ligação entre a sua equipa e o Facebook. E as coisas começaram a correr mal...

“Ficou muito claro para mim que o Facebook não estava realmente interessado em acabar com a crise de desinformação, eles estavam interessados em parecer bem”, explica Brooke Binkowski numa entrevista, por videoconferência. “Parecia que fazíamos parte de uma manobra de relações públicas.”

Brooke garante que avisou os donos do *site* que editava dessa dificuldade, desde 2017. Começou por lhes pedir que não aceitassem ser pagos para trabalhar “para” o Facebook, antes que trabalhassem “com” a rede social no combate às *fake news*. Não conseguiu. O Snopes assinou um contrato e recebeu centenas de milhares de dólares para integrar a rede de verificadores externos com que o Facebook diz estar a combater a difusão de mentiras intencionais. O problema, explica Brooke, é a relação de poder que esse contrato estabeleceu. Os verificadores de factos passaram a ser vistos como “empregados” do Facebook.

### Investigações selecionadas

“Eles empurravam-nos para certas histórias e afastavam-nos de outras”, acusa a jornalista. A gota de água aconteceu quando um dos seus repórteres procurou uma reação do Facebook a uma acusação de que estaria a permitir campanhas de desinformação. A resposta foi dura. “Disseram-lhe: ‘Talvez preci-



Só são eliminados conteúdos que apelam à violência, tentam limitar direitos eleitorais e que violam os “padrões da comunidade”.

ses de te recompor e começar a fazer as verificações de que precisamos mais depressa. E eu fiquei chateada. Eles não podem intimidar os meus repórteres! Pedi-lhes uma reunião e não aceitaram.”

Quando Brooke Binkowski acusa o Facebook de “afastar” jornalistas de algumas histórias dá exemplos. Ela própria sugeriu verificar as muitas “notícias” falsas sobre os membros da comunidade rohingya que

tentavam obter asilo nos EUA, dada a perseguição de que são alvo em Myanmar. “Eu estava no lugar certo, na hora certa e pensei que podia ajudar os rohingyas. Propus ao Facebook, mas eles ignoraram-me completamente. Na altura pensei que era precisamente para isso que nós trabalhávamos com o Facebook... Mas eles nem sequer responderam.”

Brooke Binkowski dá outro exemplo – que foi revelado por uma investigação do *The New York Times*: depois de ter criticado a política do Facebook sobre desinformação, George Soros foi alvo de uma “investigação” solicitada pela COO da rede, Sheryl Sandberg. A número dois do Facebook contratou uma empresa (liderada por um especialista em campanhas do partido Republicano), a Definers, para lançar uma operação de “relações públicas” anti-Soros.

Na altura, Binkowski não conhecia o envolvimento do Facebook na campanha anti-Soros, mas apercebeu-se de que “havia muitas histórias antisemitas” a circular na

rede social “como resultado disso”. Nas suas listas de possíveis *fake news* a verificar, enviadas pelo Facebook para o Snopes, “nunca apareceram estas histórias antisemitas”. A jornalista não tem dúvidas: “Estavam a tentar espalhar exatamente as notícias que diziam que queriam combater.”

O Facebook reconheceu o erro e despediu a empresa Definers, depois da investigação do *The New York Times*. Assumiu, também, num comunicado, ter investigado a relação financeira de Soros com a empresa. “Soros é um investidor proeminente e investigámos os seus investimentos e atividades comerciais relacionadas com o Facebook.”

#### “Não fizeram nada do que recomendei”

Brooke Binkowski lembra que deu várias sugestões ao Facebook para uma estratégia de combate à desinformação. “Mas o Facebook não fez nada do que eu recomendei...” Para a jornalista “é muito claro o padrão dos grupos de desinformação em torno das eleições”. “Temos fraturas na sociedade, que depois de desinformação acentua, e põe muito sal e muito ácido nessas feridas. Boa parte do problema é racial. Uma grande parte é a misoginia. É muito fácil pôr as pessoas a lutar por estas questões, onde quer que estejam no mundo, basta adaptar um pouco as coisas. O Kremlin é muito bom nisto, mas também o são muitos outros. Não me interessa quem está por trás, mas sim como podemos lutar contra isso.”

Por isso, sugeriu várias estratégias: “Recomendei transparência dos algoritmos. A criação de um fundo para financiar o jornalismo”, sugere. Porque “o verdadeiro problema é a degradação do jornalismo. Continuo a achar que a desinformação não seria um problema tão sério se tivéssemos uma indústria jornalística funcional e saudável.”

Em julho do ano passado, Brooke Binkowski saiu do Snopes. Trabalha agora num outro *site* de verificação, o Truth or Fiction. Em fevereiro deste ano o Snopes deixou de trabalhar para o Facebook.

#### Utilização de fact-checking?

Muitas das críticas quanto à utilidade dos *fact-checkers*, contratados pelo Facebook para combater a desinformação, são debatidas nos EUA e na Europa. A responsável do Facebook pela política *anti-fake news*, Tessa Lyons-Laing, relativiza o problema. “Não dependemos apenas de verificadores de factos. Porque não há verificadores de factos em todos os países que cumpram as regras da International Fact-Checking Network. Se dependéssemos apenas disso estaríamos sempre a correr atrás do problema, porque é sempre mais fácil criar histórias falsas do que desmascará-las.”

Por isso, o Facebook garante que a inteligência artificial que usa é parte da resposta.

Até porque não faz parte da política da empresa apagar as mentiras identificadas pelos verificadores de factos. Só são eliminados da rede social três tipos de conteúdos: os que apelam à violência, os que tentam limitar os direitos eleitorais e os que violam os “padrões da comunidade”.

No primeiro caso, trata-se de uma regra clara – suprimir incitamentos a atos violentos concretos –, embora persistam muitas críticas quanto à capacidade do Facebook de a poder cumprir (com vários exemplos de casos que passaram essa fronteira na Índia, no Sri Lanka, em Myanmar, nas Filipinas, entre outros). No caso dos direitos eleitorais, o Facebook apenas se compromete a eliminar, desde as eleições intercalares americanas de 2018, informação falsa sobre recenseamento ou procedimentos aplicáveis aos eleitores. A política aplicável à “comunidade” de utilizadores é também bastante limitada.

Tudo o resto – mentiras sobre políticos, discurso racista, falsas “informações” de saúde, por exemplo – é entregue aos verificadores de factos para uma análise pormenorizada. Mas nada do que seja decidido nessa fase será apagado da rede. Os *fact-checkers* podem decidir uma de quatro coisas. Ou o conteúdo não tem problemas (e nada acontece), ou então é falso, ou é parcialmente falso, ou tem um título enganador. Em qualquer um destes casos, o conteúdo permanece na rede. Dependendo da análise, a penalização mais alta aplicável pelo Facebook é uma diminuição do *rating* do conteúdo (texto, vídeo ou imagem), ou do seu autor, no *newsfeed*, a página inicial que cada um dos utilizadores vê quando acede à rede social.

Ou seja, uma mentira flagrante, como as várias que surgiram após o incêndio na Catedral de Notre-Dame (de que foi um atentado, por exemplo) não será apagada do Facebook. No máximo pode ser mal avaliada e com isso ser menos destacada pelo algoritmo que escolhe a relevância dos assuntos.

O objetivo, explica Lyons-Laing, não é decidir se a desinformação é ou não publicável, é antes “reduzir a sua distribuição”. A pergunta que ainda não tem resposta é: será suficiente?

**\*Com Elisa Simantke, Harald Schumann, Ingeborg Elissen, Juliet Ferguson, Lella Miñano, Nico Schmidt, Nikolas Leontopoulos, Maria Maggiore, Wojciech Ciesla e Daphné Dupont-Nivet (Investico)**

*Investigate Europe é um projeto iniciado em setembro de 2016 que junta nove jornalistas de oito países europeus.*

*Este trabalho foi financiado em Portugal pela Fundação Calouste Gulbenkian e na Europa pelas fundações Cariplo, Milão, Stiftung Hübnér und Kennedy, Kassel, Fritt Ord, Oslo, Rudolf Augstein-Stiftung, Hamburgo, GLS, Alemanha, e Open Society Initiative for Europe, Barcelona.*



“Eles empurravam-nos para certas histórias e afastavam-nos de outras.”  
A gota de água foi quando pediram reação a uma acusação de desinformação.

**BROOKE BINKOWSKY**

Ex-editora na empresa de verificação de factos Snopes